

**Mergulhar Mergulhei, Pipo Pegoraro**

Difícil encarar *Mergulhar, Mergulhei* (2014, YB) como um registro solo de Pipo Pegoraro. Terceiro e mais recente invento "individual" do músico paulistano, o trabalho de 10 faixas rápidas cresce como um constante cruzar de referências autorais e emprestadas. Coluna vertebral do registro, o também autor de *Intro* (2008) e *Taxi Imã* (2011) faz do trabalho um amplo espaço criativo; um território em que diferentes épocas, gêneros e nomes ativos da música brasileira possam borbulhar pelas composições – peças tão próprias do cantor, quanto partilhadas entre os diferentes convidados.

Em uma sequência exata ao material lançado há três anos, Pegoraro assume logo na inaugural *Aiye* a coesa relação entre os sons nacionais e arranjos emprestados da música africana. Instrumental, a música de cinco minutos funciona como um coeso resumo de toda a composição do álbum – sempre marcado por improvisos, bruscas adaptações orquestrais e a constante leveza no andamento das melodias. Uma sensação de olhar para o mesmo material de *Taxi Imã*, porém, em um ângulo totalmente inédito.

Dentro de um ambiente segundo, Pegoraro transporta para dentro de estúdio a mesma banda de apoio que o acompanha durante as apresentações ao vivo – Décio 7 (bateria), Gustavo Cék (percussão), Marcelo Dworecki (baixo), Cuca Ferreira (saxofone e flauta), Fernando TRZ (piano) e Lucas Cirillo (gaita). A estrutura musicalmente familiar funciona como um sustento evidente para a voz do cantor, ainda mais convincente do que no trabalho anterior e agora gigante no desenrolar de faixas como *O Que Cabe Em Nós* e *Sabão de Coco*.

Sob direção artística de músico Romulo Fróes, o álbum flutua com nitidez entre os gracejos pop explorados no registro anterior e doses consideráveis de experimento. Parte dessa procura por uma sonoridade menos "óbvia", quase jazzística em faixas como *Nos Olhos de Henri*, vem do confesso interesse de Pegoraro pela obra de Steve Reich. Um dos nomes mais importantes da música minimalista, o autor de *Music for 18 Musicians* (1978) e outras peças da música

de Avant-Garde sobrevive nas lacunas da obra, autorizando o paulistano a espalhar complementos sutis, adaptações instrumentais e pequenas desconstruções acústicas que vão do samba ao Afrobeat.

Interessante notar que mesmo a busca por uma sonoridade conceitualmente complexa em nenhum momento afasta Pegoraro do ouvinte médio. De fato, *Mergulhar, Mergulhei* ecoa durante todo o desenvolvimento como o trabalho mais acessível do cantor até aqui. Tomado pelo romantismo, o artista e convidados como Xênia França (Aláfia), Luz Marina e Filipe Catto se concentram em projetar faixas essencialmente sensíveis, caso de *Sabão de Coco* e *Indecifrável*. Instantes de pura confissão que resgatam o que há de mais doce desde o álbum de estreia do cantor.

Imenso em se tratando das referências, arranjos detalhistas e temas que sustentam a obra, efêmero quando observamos o rápido desdobramento das canções – três delas instrumentais –, *Mergulhar, Mergulhei* obriga (de forma deliciosa) o contínuo regresso do ouvinte. É fácil se encantar pelo suingue de *Aiye* ou mesmo pelos versos inaugurais de *Cambaleei*, entretanto, são os detalhes, frestas e pequenos labirintos que ocultam em faixa a real beleza da obra coletiva de Pegoraro. Apenas siga a indicação do título: mergulhe.

**Cleber Facchi (Miojo Indie)**